

Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Eixo temático: Serviço Social: fundamentos, formação e trabalho profissional

Sub-eixo: Trabalho profissional

SERVIÇO SOCIAL E A NOVA MORFOLOGIA DO TRABALHO: UM PROGRAMA DE PESQUISA EM DESENVOLVIMENTO

RAQUEL RAICHELIS DEGENSZAJN¹

RESUMO

O objetivo é apresentar a pesquisa coletiva em desenvolvimento, que pretende adensar estudos sobre trabalho no Serviço Social. Orienta-se pela hipótese de que há no Serviço Social uma nova morfologia do trabalho, impulsionada pela mercadorização dos serviços públicos e expansão das tecnologias digitais, que reconfiguram a natureza e o processamento do trabalho, bem como a qualidade dos serviços.

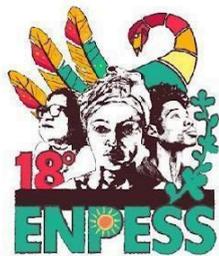
Palavras-chave: nova morfologia do trabalho profissional, tecnologia; mercadorização; desgaste mental; reprodução social de mulheres racializadas.

RESUMEN

The objective is to present collective research under development, which aims to deepen studies on work in Social Work profession. It is guided by the hypothesis that there is a new morphology of work in Social Work, driven by the commodification of public services and the expansion of digital technologies, which reconfigure the nature and processing of work, as well the quality of services.

Key words: new morphology of professional work; technology; commodification; mental exhaustion; social reproduction of racialized women.

¹ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

1 INTRODUÇÃO

O presente projeto integra um programa de pesquisa voltado ao aprofundamento dos estudos sobre trabalho, que vem sendo desenvolvido por um Núcleo de Pesquisa de um PPG em Serviço Social, cadastrado no diretório do CNPQ.

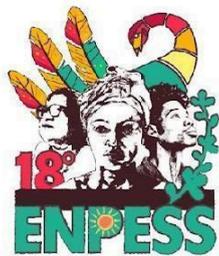
Nesse âmbito realizamos, há mais de duas décadas, um conjunto sistemático de reflexões, debates, pesquisas e publicações sobre as metamorfoses do trabalho no capitalismo contemporâneo, particularizando o trabalho profissional de assistentes sociais responsáveis, juntamente com outros/as profissionais, pela implementação e execução de políticas sociais públicas a segmentos da classe trabalhadora, majoritariamente seus estratos racializados e generificados, ou seja, sujeitos subalternizados pela desigualdade, racismo, sexismo, patriarcalismo, lgtbfofia, entre outros marcadores sociais discriminatórios.

A diretriz analítica dos nossos estudos sobre o trabalho orienta-se pela hipótese², de que há no Serviço Social uma nova morfologia do trabalho em estreita articulação com as transformações e tendências do trabalho assalariado no contexto do capitalismo monopolista neoliberal em crise, num mundo globalizado sob a égide das finanças e do rentismo especulativo.

Para fazer frente a mais uma de suas crises – orgânica, sistêmica, estrutural - o capital lança mão da disseminação, em escala global, das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), no contexto da nova etapa de aprofundamento da reestruturação produtiva, que se complexifica nos marcos da crise de 2007/2008. Nesse âmbito, o sistema do capital atualiza seu regime de acumulação com vistas a reverter a tendência de queda das taxas médias de lucro, e nessa direção, as tecnologias digitais terão um papel decisivo na instrumentalização de novos produtos e negócios, bem como na reconfiguração de processos e relações de trabalho.

Um dos pressupostos de nossa reflexão é que a “classe que vive da venda da força de trabalho” (Antunes, 1999), ao se deparar com as TICs, confronta-se também com os dilemas atuais do capitalismo globalizado e financeirizado, sob domínio do capital fetiche (Marx, 2013; lamamoto, 2007) e da expansão da Indústria 4.0, concebida para gerar um novo e profundo salto tecnológico no mundo produtivo (em sentido amplo), com base nas tecnologias digitais de informação e comunicação.

² Inspirada pelas elaborações e interlocuções com o prof. Dr. Ricardo Antunes (UNICAMP), pesquisador de referência nos estudos sobre a nova morfologia do trabalho na tradição marxista.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

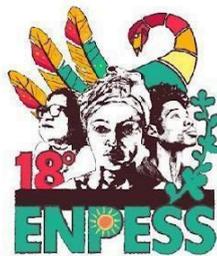
Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Nesse cenário, o trabalho de assistentes sociais e de outros/as profissionais sofre profundas inflexões, que repercutem nos espaços ocupacionais em que os assistentes sociais se inserem como trabalhadoras/es assalariadas/os, majoritariamente em instituições públicas responsáveis pela implementação de programas, benefícios e serviços sociais, e que não escapam às determinações estruturais que movem os processos de exploração e precarização do trabalho.

A recente crise sanitária provocada pela Covid-19 apresentou-se como catalizadora dessa processualidade contraditória. Ela desnudou a forma pela qual o capitalismo e o Estado burguês funcional aos seus interesses vinham respondendo às suas crises há mais de quatro décadas, desde meados dos anos de 1970, como mecanismo para reverter a queda tendencial das taxas de lucro em decorrência do movimento estrutural de superprodução de mercadorias e subconsumo, centralização e superacumulação de capitais, aumento do poder dos monopólios e financeirização da economia.

Atualizar essa análise com elementos que incidem nas políticas sociais e nos serviços sociais públicos é da maior relevância por constituir matéria do trabalho profissional nas respostas às expressões da questão social. Nesse âmbito é nosso objetivo pesquisar: a) as (re) configurações do trabalho de assistentes sociais com a expansão maciça e veloz do uso das tecnologias de informação e comunicação de base digital, no contexto da mercadorização do serviços sociais públicos; b) as incidências desses processos nas formas de organização, gerenciamento, controle e processamento do trabalho; c) os rebatimentos nas condições de reprodução da força de trabalho de assistentes sociais, em sua maioria generificada e racializada; d) as implicações no desgaste mental de assistentes sociais decorrente das formas de intensificação e controle do trabalho; d) as possíveis repercussões nos conteúdos, significados e na direção estratégica do trabalho orientado pelo projeto ético-político do Serviço Social.

Nessa perspectiva, buscaremos prescrutar os impactos da crescente dependência dos dispositivos informacionais-digitais na captura das subjetividades individuais e coletivas (Alves, 2011) nos processos de (re) produção social da vida e nas relações de trabalho de assistentes sociais, propícias à constituição de uma força de trabalho complacente e intercambiável (Huws, 2017), sujeita à padronização e disciplina do trabalho prescritivo. Situações que submetem as/os trabalhadora/es a inusitados mecanismos de opressão, controle e cooptação, favorecedores do desgaste mental, do adoecimento e da subsunção do trabalho intelectual às



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

determinações diretas e indiretas do capital.

Para desvendar esse conjunto complexo de fenômenos, a pesquisa em curso definiu 4 eixos temáticos que buscam sustentar teórica e empiricamente a análise do objeto: 1) Perfil profissional e reprodução da força de trabalho de assistentes sociais; 2) Mercadorização dos serviços sociais públicos; 3) Digitalização e plataformização do trabalho profissional; 4) Desgaste mental e racismo institucional no trabalho .

É em torno da problematização de cada um desses eixos teóricos e do processo de construção do desenho metodológico da pesquisa que organizamos essa mesa coordenada. Portanto, o objetivo da presente comunicação é apresentar as linhas analíticas gerais que orientam a problematização dos elementos que configuram a nova morfologia do trabalho no Serviço Social no atual estágio de desenvolvimento capitalista. E os demais componentes da mesa irão problematizar a análise de cada um dos eixos temáticos da pesquisa.

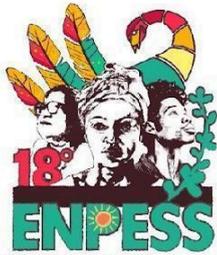
2 TRABALHO E CRISE NO CAPITALISMO NEOLIBERAL

As profundas transformações provocadas pela crise estrutural do capital nas últimas décadas vêm impactando a vida de milhares de trabalhadores e trabalhadoras que vivem da venda de sua força de trabalho. A eclosão da pandemia da Covid-19, no início de 2020, agravou dramaticamente esse panorama em todo o mundo, com as medidas de isolamento social e a estagnação das atividades econômicas provocando demissões em massa, cortes nos salários, deterioração das condições de vida e inseguranças quanto ao presente e aos projetos de futuro.

Contudo, essa crise não é um “ponto fora da curva”, mas expressa a confluência de múltiplas crises – econômica, política, social, ambiental, civilizatória – inserindo o trabalho “no fio da navalha” (Raichelis e Arregui, 2021), imerso nas profundas transformações do capitalismo neoliberal decadente em escala global.

Por isso, os acontecimentos que assolaram o mundo com a pandemia da COVID-19 só ganham inteligibilidade se forem conectados ao panorama mais amplo da crise estrutural do capital, que se vê confrontada com suas próprias contradições – o que Marx identificou como “contradição em processo” -, resultante da tendência do capital, mediado pelo mercado, de reduzir o uso do trabalho assalariado no processo produtivo (KONICZ, 2020, p. 35).

Se, por um lado, as crises são impulsionadoras do movimento do capital em sua busca



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

incessante de valorização, por meio da transformação de tudo em mercadoria e (mais) dinheiro (D-M-D'); por outro lado, ao fazê-lo, busca se livrar da sua própria substância – o trabalho assalariado abstrato –, processo alimentado pelo progresso técnico que aprofunda a contradição entre as relações sociais de produção e as forças produtivas do trabalho (MARX, 2013).

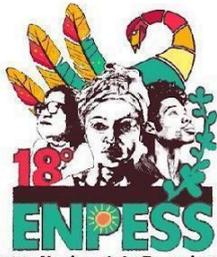
Com vistas à maximização do lucro sem limites, o capital, por meio do avanço da ciência e da tecnologia – o *intelecto geral*³, como citado por Marx nos Grundrisse (2011), reduz cada vez mais o trabalho vivo na cadeia produtiva de valor em escala global – na agricultura, na indústria e nos serviços –, intensifica as formas de obtenção do trabalho excedente (não pago), exponencia a população sobrando para as necessidades médias de valorização do capital, alargando e diversificando a superpopulação relativa (MARX, 2013).

Nesse âmbito, o capital incorpora as inovações e os avanços tecnológicos e científicos, especialmente as tecnologias microeletrônicas de base digital, que aceleram a produtividade do trabalho e alteram a composição orgânica do capital, com o aumento do capital constante e a consequente redução do capital variável, o que é obtido com a introdução do sistema de máquinas (na atualidade o sistema maquínico-digital informacional) e diminuição do contingente de trabalhadores.

No contexto dos novos estudos que desenvolvemos, cunhamos a expressão *nova/velha* morfologia do trabalho para nos referir a fenômenos persistentes que estruturam o trabalho e a classe trabalhadora no capitalismo dos monopólios, notadamente na periferia dependente do sul global, na qual a ideia do “novo” tem sido adotada para legitimar o “velho” padrão de exploração da força de trabalho, cujo valor é remunerado abaixo do mínimo de subsistência para a reprodução social da vida da classe trabalhadora, configurando-se na superexploração da força de trabalho, nos termos de Marini (2000) e da teoria marxista da dependência (TMD).

No caso do Brasil, e de resto na América Latina, décadas de políticas econômicas e

³ O *general intellect* é uma expressão de Marx que aparece nos Grundrisse, especialmente na parte intitulada “Fragmento das Máquinas”, para significar a potência do avanço das forças produtivas sociais do trabalho, evidenciado pela crescente importância da maquinaria e do poder do conhecimento nela objetivado no controle dos processos da vida social. Intelecto geral seria, portanto, uma combinação de *expertise* tecnológica e conhecimento social acumulado, um cérebro social que é, simultaneamente uma força produtiva e um princípio de organização das relações sociais. Segundo Eleutério Prado “Parece claro que Marx designa por ‘intelecto geral’ um complexo estruturado de conhecimentos que, em certo momento, não apenas está disponível para o emprego na produção em geral, mas que se tornou já crucial e determinante de seu modo de organização como um todo”. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/comentario46asinterpretacoes.pdf



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

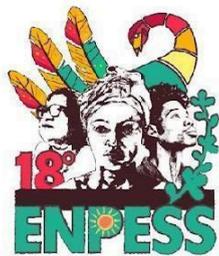
sociais orientadas pelo ideário (ultra) neoliberal das contrarreformas e dos ajustes fiscais permanentes aprofundaram a informalização e a flexibilização das relações de trabalho, em estreita articulação com a financeirização da economia, com traços distintivos na periferia capitalista e dependente onde nos situamos.

A ampliação da digitalização e a disseminação e generalização em larga escala das tecnologias de informação e comunicação ganharam enorme impulso com a eclosão da pandemia do novo coronavírus em nível mundial, com grande incidência em nosso país. Nesse contexto, o que se encontrava latente e embrionário ganhou novos e inusitados contornos a serem investigados em maior profundidade, pela centralidade que assumiram no mundo do trabalho em geral, e no trabalho profissional em particular.

Atualizar essa análise com elementos que incidem nas políticas sociais e nos serviços sociais públicos é da maior relevância por constituir matéria do trabalho profissional nas respostas às expressões da questão social. O presente projeto pretende conferir “luz e foco” a essa dinâmica societária, trazendo a reflexão para o campo dos serviços, e, mais especialmente, para os serviços sociais públicos, por ser esse o espaço por excelência ocupado pelas profissões e, portanto, pelo Serviço Social.

A ampliação e a diversificação do “setor”⁴ de serviços e do contingente de trabalhadores e trabalhadoras assalariados/as que neles se inserem, sendo um traço típico do capitalismo monopolista, se reconfigura e se complexifica com a incorporação da ciência e da inovação maquínico-digital, notadamente das tecnologias digitais de informação e comunicação aos processos de organização, gestão e controle do trabalho, no contexto em que a mundialização financeira expande as fronteiras do capital e destrava todos os limites para a sua reprodução ampliada.

⁴ O uso das aspas se justifica pois, como nos adverte Cislighi (2018, p. 115), “do ponto de vista do valor, não existe algo como ‘setor de serviços’. Trabalhos que produzem, do ponto de vista concreto, resultados objetivos caracterizados como serviços podem ser parte, indistintamente do capital comercial, produtivo, bancário, financiados pelo fundo público ou por meio da renda para atividades pessoais”. Questão de outra natureza, porém, é a polêmica em torno dos serviços poderem ser produtivos ou improdutivos, no sentido marxiano de gerar ou não mais valia. Com base na reflexão marxiana, “o resultado de um serviço pode ser uma mercadoria vendida ao consumidor ou a prestação de um serviço, de saúde por ex.; pode se separar ou não de seu produtor; pode assumir forma material ou imaterial, tendo realidade corpórea ou não; pode ser produtor direto de mais valia ou não; pode envolver diferentes conteúdos em sua realização. Esse conjunto de dimensões que pode assumir o trabalho no ‘setor’ de serviços simplesmente ilustra o princípio que, para o capitalismo, o que importa não é o conteúdo ou a materialidade do trabalho, mas sua *forma social*, historicamente situada, a capacidade de produzir, como trabalho assalariado, lucro para o capitalista e valorização do capital, ainda mais em seu estágio monopolista que tende a suprimir as diferenças entre formas de trabalho para submetê-las todas ao domínio do trabalho abstrato” (Raichelis, 2018, p. 167, grifo da autora).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Segundo Huws (2017), esse processo de mercadorização dos serviços sociais públicos expressa a metamorfose de atividades que eram realizadas e remuneradas pelo seu valor de uso, como os serviços sociais de educação, saúde, assistência social, e com o desenvolvimento da produção capitalista se transformam em suportes de valor de troca, portanto, nichos de valorização e produção de mais valor. A autora demonstra como nesse contexto alteram-se não só conteúdos, relações e vínculos de trabalho, mas essencialmente a *forma social* do trabalho, ou seja, as relações sociais nas quais se insere o trabalho assalariado, no caso que nos interessa, a força de trabalho de assistentes sociais.

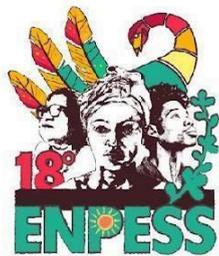
Nesse cenário, os serviços, transformados em mercadoria, mediados pelo valor da informação-mercadoria na era da internet (Dantas, 2022) passam a ser subsumidos diretamente ao capital (ou por meio dos seus representantes estatais), integrando novas cadeias de valor, num amplo movimento de privatização da “coisa pública” através da externalização de serviços públicos para a empresa privada mercantil (HUWS, 2017; ARAUJO, 2022).

Tal dinâmica societária se espalha também para o campo do conhecimento e da informação,

quando o capital estende seu domínio para áreas até então razoavelmente não alcançadas pelos processos de valorização, como são aquelas detidas pelo Estado, que reúnem recursos considerados *comuns* e organizam uma imensa massa de dados e conhecimentos sobre a sociedade e seus indivíduos nas áreas de educação, saúde, renda, gestão pública, serviços básicos ou universais etc. (Dantas et al, 2022, p. 9, grifo do autor).

Nessa direção, o Estado capitalista burguês funciona como alavanca para o poder das finanças, contexto em que o capital portador de juros ganha dominância no processo de financeirização mundializada da economia capitalista. Observa-se assim maior intervenção do Estado na reprodução ampliada do capital, ao contrário do que a ideologia neoliberal propaga sobre uma suposta necessidade de redução do seu papel, e amplifica suas estratégias de exploração do trabalho no âmbito da “acumulação flexível” (HARVEY, 2012).

Nossa hipótese analítica é que nesse estágio da reestruturação produtiva, impulsionado pelas TICs, o processo de mercantilização de bens e serviços públicos ganha múltiplas determinações nas diferentes políticas sociais, desencadeando um conjunto de inusitadas transformações que incidem diretamente no trabalho de assistentes sociais, que precisam ser desvendadas criticamente pelos procedimentos investigativos.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

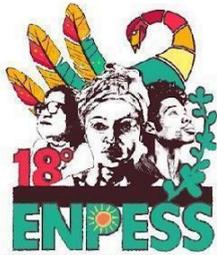
Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

3 A TECNIFICAÇÃO DIGITAL DO TRABALHO EM SERVIÇOS E A SUBSUNÇÃO DO TRABALHO INTELECTUAL

Como tem sido amplamente discutido, o domínio das técnicas é instrumento das relações de poder social e mola propulsora da concorrência no capitalismo moderno. Para Tauile (2001), apoiado em Marx, a característica principal da revolução industrial materializada pela revolução tecnológica “é ser uma onda de cristalização do conhecimento humano, no caso, materializado no trabalho fabril, em máquinas e equipamentos que têm a forma social de capital fixo” (p. 21)⁴.

Desde então, as mudanças na base técnica – da eletromecânica para a microeletrônica na passagem do século XX para o século XXI, mas também dos avanços do conhecimento da neurociência e da biologia para aperfeiçoamento de dispositivos robóticos e de inteligência artificial (IA), permanecem revolucionando as forças produtivas em busca de novas formas de extração do excedente por meio do aumento da produtividade do trabalho. A difusão da base técnica microeletrônica materializa uma nova revolução tecnológica em curso, e abre um leque de possibilidades de articulação dos agentes produtivos nos processos de trabalho. As formas de produção e repartição do excedente competem pela hegemonia para tornar-se o padrão socialmente necessário, garantindo lucro extraordinário da renda tecnológica do monopólio, de um lado; e de outro, impondo perdas decorrentes da desvalorização do trabalho, e provocando uma [nova] crise do trabalho (TAUILE, 2001, p. 121).

O Brasil, em sua inserção subordinada na divisão internacional do trabalho, participa desse processo como consumidor e não produtor de artefatos e dispositivos tecnológicos, dependente que é dos grandes conglomerados globais que hegemonomizam as tecnologias de informação e comunicação, a indústria 4.0, a robótica, a IA e as gigantescas plataformas digitais no contexto do que tem sido denominado *colonialismo digital* (FAUSTINO; LIPPOLD, 2023).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

A análise de Silveira (2021, p. 37-38) chama atenção para o *mercado de dados* no capitalismo contemporâneo, contexto em que a dinâmica neoliberal reforça a *colonialidade* para que os países periféricos sejam bons compradores de produtos e serviços das grandes corporações dos países ricos. Para o autor, o novo colonialismo é *datafocado*⁵ e *racializado* pela gestão algorítmica, orientado pelos valores de quem o cria, disseminando padrões que não apenas reproduzem, mas ampliam racismos e discriminações.

Nesse contexto, a aplicação dessa base técnica microeletrônica encontra caldo fértil no campo dos serviços, principalmente naquelas atividades que lidam com manipulação de informações padronizadas, que ganharam impulso com a automação bancária a partir da década de 1970, exatamente na transição da eletrônica para a microeletrônica. E nessa ambiência social, o que se observa, de modo geral, é que na

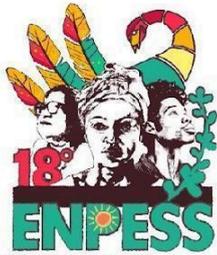
medida que as informações e os conhecimentos do saber trabalhador são crescentemente codificados nos dispositivos eletrônicos de processamento de dados, para uma grande maioria de atividades de operação de equipamentos e de utilização de bens de consumo durável, ou ainda, de terminais de serviços com base nas novas tecnologias, há nitidamente um processo de simplificação dessas atividades (TAUILE, 2001, p. 123).

Nessa perspectiva, Valente (2021, p. 179), com base em Bolaño (2002), observa que a subsunção do trabalho intelectual é um traço constitutivo da etapa do sistema inaugurado no fim do século passado, na chamada 3ª revolução industrial. E o digital é exatamente o suporte da informação, não um novo tipo de trabalho, ou um adjetivo a ser agregado ao trabalho em função do tipo de tecnologia empregada⁶.

⁵ Na teoria social de Marx, o capital fixo está intimamente relacionado ao capital constante e capital variável. O autor analisa esses conceitos no capítulo VI d'O Capital (2013, p. 286), quando afirma: "Portanto, a parte do capital que se converte em meios de produção, isto é, em matérias-primas, matérias auxiliares e meios de trabalho, não altera sua grandeza de valor no processo de produção. Por essa razão, denomino-a parte constante do capital, ou mais suscintamente capital constante. Por outro lado, a parte do capital constituída de força de trabalho modifica seu valor no processo de produção. Ela não só reproduz o equivalente do seu próprio valor, como produz um excedente, um mais valor, que pode variar, sendo maior ou menor de acordo com as circunstâncias. Essa parte do capital transforma-se continuamente de uma grandeza constante numa grandeza variável. Denomina-o, por isso, parte variável do capital, ou mais suscintamente: capital variável".

⁵ Para aprofundamento do significado da *datificação* (produção e circulação incessante de dados) nas relações sociais e nas políticas sociais, especialmente na política de assistência social, consultar Dias Junior (2024)

⁶ Daí decorre que o trabalho digital deve ser entendido mais como uma área de estudos do que como um conceito, considerando a impossibilidade de o trabalho, como atividade humana, ser, em si, digital, como adverte Grohmann (2021, p. 11).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

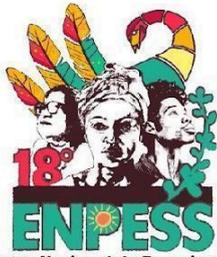
No processo de subsumção real do trabalho ao capital⁷(Marx, 2013 e 2022) o trabalhador perde sua autonomia e o controle sobre o processo de produção, cuja estrutura e ritmo passam a ser ditados pelo aparato maquínico-digital, no contexto atual de expansão dos dispositivos microeletrônicos. Aprofunda-se assim a expropriação de conhecimentos e de energias vitais das/os trabalhadoras/es, dinâmica que sofre uma inflexão no trabalho em serviços, considerando que a informação e o conhecimento são a base das atividades de coleta massiva (dataficação), registro, codificação, armazenamento, processamento e uso de dados próprios do trabalho intelectual no âmbito dos serviços.

A abundante literatura sobre os usos das TICs na organização e execução do trabalho em seus múltiplos espaços de materialização, apesar da sua dinâmica contraditória, é inequívoca quanto aos impactos na destruição/redução de empregos e criação de novas ocupações (em menor ritmo do que as extintas), nas alterações qualitativas das profissões e nas novas formas de organização e controle do processo de trabalho.

Mas, se é certo que o capital se apropria das TICs para fins de valorização e acumulação, seu uso está em disputa pela classe trabalhadora, suas entidades e movimentos coletivos na dinâmica da luta de classes. Para intervir nessa correlação de forças políticas é necessário, contudo, superar um certo fetichismo que envolve a tecnologia, considerando que “artefatos tecnológicos que nos parecem no dia a dia neutros, intrinsecamente bons, produzidos tão somente para resolver problemas práticos, contêm relações sociais historicamente determinadas e obscurecem o conteúdo de classe das escolhas tecnológicas” (NOVAES; DAGNINO, 2004, p. 189).

Na mesma direção, reforçando o argumento da não neutralidade da tecnologia, Grohmann (2021) observa que as plataformas digitais, assim como quaisquer tecnologias, são orientadas por valores e normas inscritos em seus desenhos, algoritmos e interfaces que podem, e quase sempre apresentam, mecanismos discriminatórios de gênero, raça, geração, orientação sexual, entre outros, pois são produtos do trabalho humano, cuja materialidade envolve processos e meios de trabalho (físicos e naturais), que participam das cadeias de produção e extração de valor.

⁷ Na subsumção formal e real do trabalho, analisada por Marx no Livro 1 de *O capital* (2013) e no *Capítulo VI Inédito* (2022), a generalização da maquinaria impulsiona a perda da autonomia e do controle que o trabalhador tinha sobre o processo de produção. É a máquina que agora condensa o conhecimento que o capital extraiu do trabalhador artesanal no período da manufatura e desenvolveu, com o apoio das ciências, a serviço da grande indústria. Assim, é a máquina que passa a usar o trabalhador, o trabalhador torna-se um apêndice da máquina. E com essas mudanças o capitalismo pode expandir-se, revolucionando o modo de produção (Bolano, 2002)



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Como destaca Mészáros (2011, p. 53, grifos do autor), a questão central não se limita a saber se empregamos ou não a ciência e a tecnologia para resolver nossos problemas, o que para ele é obvio que devemos fazê-lo, “mas se seremos *capazes* ou não de *redirecioná-las radicalmente*, uma vez que hoje ambas estão estreitamente determinadas e circunscritas pela necessidade da perpetuação do processo de maximização dos lucros”.

4 Nota final: Nova/velha morfologia do trabalho no Serviço Social

No trabalho de assistentes sociais já era possível observar a presença do uso crescente de dispositivos digitais e informacionais, que durante a pandemia do novo coronavírus se tornaram mais visíveis e generalizados. Nesse momento “pós pandêmico”, a convivência do trabalho presencial com o trabalho remoto (*hibridismo?*) permanece incidindo na intensificação do trabalho, no prolongamento das jornadas de trabalho, na simbiose dos tempos de trabalho e de não trabalho, processualidades nem sempre acompanhadas de reflexão crítica – individual e coletiva – sobre suas implicações e impactos.

A dimensão contraditória das tecnologias digitais e da internet ganhou visibilidade no trabalho profissional durante a pandemia. O teletrabalho e o trabalho no domicílio, se por um lado viabilizaram o atendimento social à parcela da população usuária em um contexto de isolamento e aumento da violência contra mulheres, idosos, crianças e adolescentes; por outro, ampliaram jornadas de trabalho sem remuneração, intensificaram e invadiram as fronteiras dos espaços de vida e de trabalho de assistentes sociais.

Mas também no trabalho presencial durante a pandemia observou-se o recrudescimento de antigas e indevidas requisições profissionais, movidas pela *urgência social*, como o processamento do auxílio emergencial, a distribuição de cestas básicas, vouchers, entre outras, que exigiram prontidão nas respostas profissionais; mas que, ao mesmo tempo, além de passarem ao largo das políticas sociais e dos sistemas públicos de proteção social, foram apoiadas em equipes desfalcadas, precárias condições materiais e tecnológicas, sucateamento de computadores, fragilidade das redes de internet, ausência de equipamentos de proteção individual e coletiva, inexistência de protocolos e planos de contingência, entre outros.

E nesse contexto é preciso considerar também as condições sociais e materiais da população atendida pelas políticas públicas, que em sua maioria não dispõe de celular (especialmente os chamados *smartphones*) e/ou computador com acesso a pacote de dados pela internet, portanto como excluídos digitais acabam sendo excluídos também do acesso a programas e benefícios socioassistenciais.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Todas essas situações nos convocam a refletir sobre o trabalho remoto e presencial como faces contraditórias e complementares da *nova morfologia do trabalho profissional no capitalismo contemporâneo “pós” pandêmico*.

No caso do trabalho remoto no domicílio (*home office*), além de se realizar em espaços inadequados, desencadeia inúmeras situações que devem ser problematizadas, entre outras: transfere custos do trabalho às/aos próprias/os trabalhadoras/es (internet, pacote de dados, celular, manutenção do computador, energia elétrica, mobiliário etc); favorece novas formas de controle e vigilância do trabalho, remetendo seu gerenciamento para as próprias/os trabalhadoras/es com a imposição de metas de produtividade frequentemente inaceitáveis; instala um tipo de gestão por pressão que reforça a individualização e estimula a competição entre pares. Cria-se assim um quadro favorável ao crescimento do assédio moral, do desgaste mental e das inúmeras manifestações de sofrimento e adoecimentos derivados das relações e condições de trabalho. Na conjuntura pandêmica, essas situações se agravaram enormemente, com a ampliação sem limite das jornadas de trabalho, isolamento social, fadiga pelo tempo excessivo de permanência em frente à tela do computador, multiplicação do número de reuniões até a exaustão.

Estudos e pesquisas evidenciam que o teletrabalho e o *home office* expropriam o tempo livre dos/as trabalhadores/as, capturando as subjetividades, especialmente das mulheres, com a sedução de maior liberdade para organizar e gerir as demandas do trabalho reprodutivo. Nesse sentido, é importante reter que o trabalho reprodutivo tem sido historicamente uma condição necessária para o funcionamento do modo de produção capitalista uma vez que articula contraditoriamente produção e reprodução social. E, como observa Arruzza (2019), reproduzir a força de trabalho não se limita às necessidades de sobrevivência, mas implica também a satisfação de necessidades mais complexas e a reprodução de habilidades que contribuem para converter a força de trabalho nessa mercadoria especial que pode se vender no mercado capitalista e gerar mais valor que o seu custo⁸.

Diante dessas inúmeras e complexas situações, é preciso manter o acompanhamento atento da realidade do mercado de trabalho e a realização de pesquisas em diferentes espaços ocupacionais, que subsidiem a análise das repercussões da subsunção do trabalho às tecnologias digitais e seu rebatimento na natureza e na própria *episteme* do trabalho

⁸ Cf. O Feminismo para os 99%, uma alternativa anticapitalista ao feminismo liberal. Entrevista com Cinzia Arruzzi. Ideias de esquerda, 17 de março de 2019. Disponível em: <https://esquerdadiario.com.br/ideiasdeesquerda/?p=1063>. Acesso em: 17 de junho de 2022.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

profissional, que tem na dimensão sociorrelacional, dialógica e político-pedagógica com os sujeitos sua forma de ser e de realizar-se.

5 O DESENHO METODOLÓGICO DA PESQUISA

A proposta teórico-metodológica que orienta a pesquisa inscreve-se nos marcos da crítica da economia política e da teoria do valor trabalho de Marx. Nessa perspectiva, o trabalho assume centralidade ontológica e histórica no desvendamento das contradições que constituem a sociedade burguesa no modo de produção capitalista, em seu estágio atual de desenvolvimento e crise.

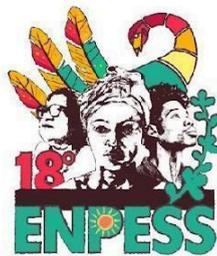
Tendo como pressuposto que teoria é reprodução, no plano ideal (do pensamento), do movimento real do objeto (Marx, 2013; Netto, 2011), e apoiada na tradição marxista clássica e contemporânea, a presente pesquisa tem como perspectiva o desvendamento do objeto - a nova morfologia do trabalho no Serviço Social, em suas mediações tecnificadas, mercadorizadas, generificadas e racializadas -, a partir do conhecimento das múltiplas determinações e formas de ser desse objeto no movimento real da processualidade histórica que o constitui.

Para esse desvendamento crítico privilegia-se as categorias de totalidade, contradição e mediação, no movimento de aproximações sucessivas a uma realidade movente, tendo como fundamento o trabalho como elemento vital constitutivo do ser social, na historicidade que assume na sociedade do capital, portanto no âmbito das relações contraditórias entre as classes, nas formas de consciência (alienada e/ou emancipada) gestadas nas lutas de produção e reprodução da vida social.

A investigação proposta é de natureza qualitativa, combinando pesquisa bibliográfica, documental e empírica, com base em dois eixos de problematização:

- *Teórico-conceitual*: centrado no desvendamento das metamorfoses contemporâneas do trabalho e suas expressões na nova morfologia do trabalho de assistentes sociais, no contexto de mercadorização dos serviços sociais públicos e de expansão das TICs nas políticas sociais;
- *Empírico-operativo*: voltado ao mapeamento e sistematização das condições em que se organiza e processa o trabalho do/a assistente social no espaço estatal, em diferentes políticas sociais, com base em dados empíricos que iluminem as hipóteses diretrizes da pesquisa.

O processo de pesquisa está sendo conduzido por pesquisadoras/es, mestrandas/es,



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

doutorandas/os e egressas/os de um grupo de pesquisa de um PPG em Serviço Social e tem como unidade geográfica de abrangência o estado de São Paulo, privilegiando-se a cidade de São Paulo. O projeto está estruturado em duas etapas:

1ª etapa: Questionário *on line* por meio de *google form* (1 e 2 sem/2024), com base em uma amostra aleatória simples monitorada pelas/os pesquisadoras/es, de modo a abranger os diferentes espaços ocupacionais nos quais se inserem assistentes sociais/ no âmbito das políticas públicas.

O questionário está estruturado em 6 blocos temáticos contendo questões fechadas de múltipla escolha, com um tempo estimado para resposta de cerca de 20 minutos.

Os blocos temáticos são: 1. Perfil do/a participante; 2. Caracterização do trabalho; 3. Condições de trabalho; 4. Modalidades de uso da tecnologia de informação e comunicação; 5. Reprodução social; 6. Processo saúde-doença.

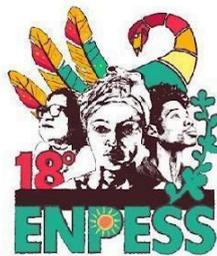
2ª etapa: Entrevistas semiestruturadas (2 sem/2024 e 1 sem/2025) conduzidas pelas/os pesquisadoras/os, com base em uma amostra intencional. Essa etapa, que contará com um roteiro orientador, poderá mesclar diferentes técnicas de coleta de dados, como entrevistas individuais ou grupais, rodas de conversa, grupo focal, reuniões virtuais, de acordo com as condições e possibilidades de cada local de trabalho (unidade empírica da pesquisa nessa etapa).

Frente às questões complexas que envolvem a nova morfologia do trabalho na contemporaneidade, o desafio é apreender, com base na realidade histórica do *capitalismo à brasileira*, o que é o trabalho hoje e como se configura a classe trabalhadora, em sua composição heterogênea, racializada e generificada. Indagações que exigem avançar no conhecimento da composição e do perfil da própria categoria de assistentes sociais como parte da classe trabalhadora⁹.

REFERÊNCIAS

ALVES, G. Trabalho, subjetividade e capitalismo manipulatório. O novo metabolismo social do trabalho e precarização do homem que trabalha. *Revista da RET*, Rede de Estudos do Trabalho, vol. 4. Marília, São Paulo: 2011.

⁹ A pesquisa de recadastramento profissional de assistentes sociais realizada pelo CFESS (2022) trouxe informações importantíssimas sobre a (re)configuração do perfil da categoria profissional no Brasil a ser cotejado no âmbito da presente pesquisa. Um dado a ser destacado, além da reafirmação da identidade de gênero (92,92% feminina), refere-se à composição racial da força de trabalho de assistentes sociais, que atingiu pouco mais de 50% de trabalhadoras negras, sendo 37,58% parda e 12,76% preta.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

ANTUNES, R. *Os sentidos do trabalho – ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo. 1999.

ANTUNES, R. *O privilégio da servidão. O novo proletariado de serviços na era digital*. São Paulo: Boitempo. 2018.

ANTUNES, R. *Capitalismo pandêmico*. São Paulo: Boitempo. 2022.

ARAUJO, A. C. de. *A mercadorização dos serviços sociais públicos: tendências contemporâneas e inflexões no exercício profissional*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social. Recife: UFPE, 2022.

ARRUZA, C. O feminismo para 99%, uma alternativa anticapitalista ao feminismo. Entrevista. *Ideias de Esquerda*. 17 de março/2019. Disponível em <https://www.esquerda.net/artigo/o-feminismo-dos-99-e-alternativa-anticapitalista-ao-feminismo-liberal/56585>

BOLAÑO, C. Trabalho intelectual, comunicação e capitalismo. In: *Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política*. Rio de Janeiro, n.11, dez. 2002, p. 53-78.

CFESS. *Perfil de assistentes sociais no Brasil: formação, condições de trabalho e exercício profissional*. Brasília/DF: CFESS, 2022.

CISLAGHI, J. F. A categoria “serviços” na tradição marxista e o debate sobre os serviços na atualidade. In: BOSCHETTI, Ivanete et al (orgs.). *Marxismo, política social e direitos*. São Paulo: Cortez, 2008.

DANTAS, M. Informação: um ponto cego no pensamento marxiano. In: Dantas, Marcos et al. *O valor da informação. De como o capital se apropria do trabalho social na era do espetáculo e da internet*. São Paulo: Boitempo, 2022.

FAUSTINO, D. LIPPOLD, W. *Colonialismo digital. Por uma crítica hacker-fanoniana*. São Paulo: Boitempo, 2023.

GROHMANN, R. *Os laboratórios do trabalho digital – entrevistas*. (org.). São Paulo: Boitempo, 2021.

HARVEY, D. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.

HUWS, U. *A formação do cibertariado – trabalho virtual em um mundo real*. São Paulo: Boitempo. 2017.

IAMAMOTO, M. V. *Serviço Social em tempo de capital fetiche*. Capital financeiro, trabalho e questão social. São Paulo: Cortez, 2007.

KONICZ, T. As origens da crise atual: visão geral das causas sistêmicas e do curso histórico da crise do sistema mundial do capitalismo tardio. In: *Revista Margem Esquerda*. São Paulo: Boitempo, n. 35, 2º sem/2020, p. 33-39.

MARINI, R. M. Dialética da dependência. In: SADER, E. (Org.). *Dialética da dependência: uma antologia da obra de Ruy Mauro Marini*. Petrópolis: Vozes/CLACSO/Laboratório de Políticas Públicas, 2000. pp. 105-165. (Coleção A Outra Margem).

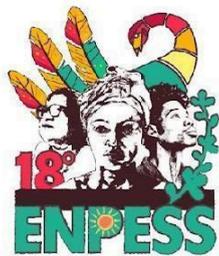
MARX, K. (1968). *O capital*. Livro 1. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K.. (*Capítulo VI (inédito)*). São Paulo: Boitempo, 2022.

MARX, K. *Grundrisse*. São Paulo: Boitempo, 2011.

NETO, J. P. *Introdução ao estudo do método de Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

NOVAES, H.; DAGNINO, R. O fetiche da tecnologia. *Revista Organizações & Democracia*, n. 5. São Paulo/Marília: Editora da Unesp, 2004.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

RAICHELIS, R.; ARREGUI C. C. O trabalho no fio da navalha: nova morfologia no Serviço Social em tempos de devastação e pandemia. *Serviço Social & Sociedade* n. 140, jan./abr. São Paulo: Cortez, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/MVGcWc6sHCP9wFM5GHRpwQR/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 21 jul. 2022.

RAICHELIS, R. Serviço Social, trabalho e tecnologia - o trabalho profissional em tempos pandêmicos. In: Raichelis, R. Vicente, D. Vieira, N. P. (orgs). *Nova-velha morfologia do trabalho no Serviço Social. TICs e pandemia*. São Paulo: EDUC, 2022.

RAICHELIS, R. Atribuições e competências profissionais revisitadas: a nova morfologia do trabalho no Serviço Social. In: *Atribuições privativas do/a assistente social em questão – volume 2*. Brasília: CFESS, 2020. Disponível em: <http://www.cfess.org.br/arquivos/CFESS202- AtribuicoesPrivativas-Vol2-Site.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2022.

RAICHELIS, R. Polêmicas teóricas na análise marxiana do trabalho no Serviço Social. Rio de Janeiro, Em Pauta: 1o Semestre de 2018, n. 41, v. 16, p. 154 – 170. Disponível em <https://www.epublicacoes.uerj.br/revistaempauta/article/view/36691>

RAICHELIS, R.; VICENTE, D.; ALBUQUERQUE, V. (orgs.) *A nova morfologia do trabalho no Serviço Social*. São Paulo: Cortez, 2018.

SILVEIRA, A. S. A hipótese do colonialismo de dados e o neoliberalismo. In: Silveira, A. da et al (orgs). *Colonialismo de dados*. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.

TAUILE, J. R. *Para (re) construir o Brasil contemporâneo*. Trabalho, tecnologia acumulação. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

VALENTE, J. C. L. Trabalho e Tecnologias da Informação e Comunicação: para uma crítica da noção de trabalho digital e uma abordagem marxista do fenômeno. In: ALVES, Giovanni (org.) *Trabalho e valor*. O novo (e precário) mundo do trabalho no século XXI. Marília, São Paulo: Projeto Editorial Práxis, 2021.